

Banqueiros endurecem e dizem que faltou boa vontade do País

por Alexander Nicoll
e Robert Graham
do Financial Times

Os principais bancos credores reagiram vigorosamente à suspensão pelo Brasil dos pagamentos dos juros de sua dívida externa. Apesar de suas atitudes de calma estudada, os bancos vêm adotando uma linha dura em relação à ação brasileira da última sexta-feira, que afeta os US\$ 68 bilhões — da dívida externa total brasileira de US\$ 104 bilhões — devidos aos bancos.

Os bancos reclamam que foram marginalizados em relação a outros credores, em contraste com ações semelhantes, tal como a decisão do México, em 1982, de suspender o pagamento do principal de sua dívida e que incluía todos os credores.

As opiniões dos bancos foram expressas durante reunião, ontem, em Nova York, a Antônio de Pádua Seixas, diretor para assuntos da dívida externa do Banco Central do Brasil por membros do comitê de Conselho dos bancos, chefiado pelo Citicorp. Foi o primeiro contato entre os bancos credores estrangeiros e funcionários do governo brasileiro desde a decisão unilateral do presidente José Sarney, embora o comitê de Conselho já tivesse iniciado a análise da situação na segunda-feira.

Os bancos pareciam dispostos a manifestar que uma suspensão total dos pagamentos dos juros era desnecessária neste estágio. Eles acreditam que o Brasil poderia ter demonstrado maior boa vontade, fornecendo garantia de que tentaria, de boa fé, efetuar quaisquer pagamentos de juros que suas reduzidas reservas de moedas estrangeiras permitissem.

Esperava-se que os bancos viessem a objetar quanto à natureza unilateral da medida. Os banqueiros indicam que uma medida anterior semelhante, quando os pagamentos pelo Brasil foram centralizados em 1983, foi adotada após consulta com o comitê do Conselho.

Os bancos estão preocupados em obter garantias do Brasil de que seu desejo

é negociar e não confrontar. Os banqueiros enfatizaram sua forte relutância em estabelecer qualquer acordo com o Brasil, a não ser que o País adote um programa de ajuste econômico apoiado pelo Fundo Monetário Internacional.

Importantes banqueiros anunciaram ontem que a calma reação à ação brasileira não deveria mascarar suas preocupações e seu desejo de uma solução ordeira.

ARGENTINA

Simultaneamente, a Argentina deverá reunir-se com seus bancos credores hoje em Nova York para continuar as discussões sobre sua solicitação de um crédito de US\$ 2,15 bilhões e do reescalonamento de US\$ 30 bilhões de sua dívida. O lado argentino será liderado por Mário Brodersohn, o ministro das Finanças, que passou os últimos dias em Brasília, discutindo estratégias com funcionários do governo brasileiro.

A idéia de uma ação conjunta Brasil/Argentina está sendo desconsiderada, embora tenha havido sinais de que a medida brasileira da semana passada deu forças à posição argentina.

Ressaltando o momento adotado pelo Brasil, pois a Venezuela estaria iniciando em Nova York conversações com os bancos sobre o reescalonamento de seus débitos, o comitê do Conselho dava continuidade a uma longa reunião visando à concessão de um novo empréstimo e um pedido de reescalonamento da dívida pelo Chile, e as Filipinas deverão iniciar conversações semelhantes no início de março.

Numa menor escala, veio à tona ontem que a República Dominicana estaria considerando adotar uma ação semelhante à do Brasil. A República Dominicana deve mais de US\$ 4 bilhões aos bancos estrangeiros.

As ações dos bancos se estabilizaram ontem, em Wall Street, após terem registrado queda acentuada na segunda-feira em virtude das preocupações em relação aos bancos que teriam cedido grandes empréstimos ao Brasil.